

Anonimato com os dias contados

‘Black Soul Brother’, documentário dirigido pelo sorocabano Rubens Pássaro, conta a trajetória de Miguel de Deus, músico considerado um dos mais versáteis dos anos 70, mas também um dos menos conhecidos

José Antônio Rosa

A história do músico Miguel de Deus (f a m o s o quem?) pode ser interpretada como um daqueles paradoxos que ninguém, por mais que tente, consegue explicar. Considerado um dos artistas mais versáteis dos anos 70, passou também para a posteridade como um dos menos conhecidos.

Quase ninguém ouviu falar dele, ou do seu trabalho. Muito por alto, sabe-se que lançou, na década de 70, o disco “Black Soul Brothers”, que os aficionados chamam de “o mais obscuro da black music setentista brasileira”.

Antes disso, fez parte do grupo “Os Brazões”, com o qual acompanhou, na Tropicália, Tom Zé e Gal Costa. O anonimato a que foi relegado Miguel de Deus, nesse tempo todo, pode estar com os dias contados.

Um documentário produzido pelo sorocabano Rubens Castanho Pássaro Júnior, 21 anos, aluno do curso de Midialogia da Unicamp, resgata a trajetória e a importância do personagem na cena musical do país.

O vídeo intitulado “Black Soul Brother” foi inscrito e será exibido, no próximo dia 25, dentro da programação do Festival Câmera Mundo, espaço reservado às produções independentes em Rotterdam, na Holanda. Nele, nomes consagrados como Marcelo D2, Rappin’ Hood, e Nelson Triunfo, além do próprio Miguel, que morreu em maio de 2007, aos 67 anos, foram entrevistados.

Pássaro contou ao **Mais Cruzeiro** que a idéia de gravar o documentário sobre um representante da soul music brasileira, teve, a princípio, o objetivo de fazer um registro daquela época.

“O funk e o soul nacional têm muitas histórias, muitas lendas, mas a maioria delas são mantidas apenas graças aos relatos. Não estão registradas em



Miguel de Deus (no meio) em sua fase Black, quando gravou o disco Black Soul Brothers



Foto publicada pela revista Manchete; Miguel de Deus (de colete e barba) ao lado de outros grandes artistas de festivais

livros, ou mesmo filmes”, diz ele.

Sobre a importância de Miguel de Deus para as artes, Rubens Pássaro afirma que ele “ajudou a escrever parte da MPB”. “Muito se fala dos grandes nomes, como Tim Maia, Chico Buarque, Jorge Ben, mas boa parte da história da música brasileira foi escrita por pessoas como o Miguel. Como o Marcelo D2 diz no documentário, ele foi um dos “arquitetos” da Música Popular Brasileira. Passou pela Tropicália, pelo funk, rock, samba, jazz, enfim, um músico versátil, completo, que hoje é muito difícil de se encontrar”.

O filme, continua Rubens, começou a ser rodado em março de 2007, e finalizado em janeiro de 2008. O sorocabano ainda espera poder exibir a produção em circuito, e trabalha para trazê-la para Sorocaba.

Além de Rubens Pássaro, estiveram na equipe do filme, a também sorocabana Helena Lopes (produção, pesquisa e roteiro); Mariana Whitaker; Verena Pereira; Tatiana Sakamoto (assistentes de produção); Douglas Lambert (fotografia); e Maria Teresa Fregolente (direção de arte).

Preconceito

O documentário mostra, também, que a black music foi alvo do preconceito. “Assim como o samba, que foi discriminado, o rap sofre ainda hoje; o funk e o soul também sofreram”.

De acordo com Rubens Pássaro, Miguel de Deus foi um dos primeiros a produzir um som genuinamente black. “Ele influenciou, e influencia, toda uma geração, da qual fazem parte, entre outros, Marcelo D2 e Rappin Hood. Se hoje existe certo espaço (ainda limitado) para a música black, muito se deve a Miguel de Deus, Di Melo e União Black, entre muitos outros, que trabalharam muito por isso”, conclui o sorocabano.

PARA OUVIR PELA INTERNET

Rede Amigos da Cultura, de Sorocaba, renova a programação da primeira rádio transmitida on-line

Tem linguagem de rádio, programação de rádio, formato de rádio, mas é sintonizado (melhor dizendo, acessado), via computador. Portanto, ao invés de procurar a frequência no dial, o ouvinte tem de entrar na internet e digitar o endereço da emissora.

Quem dispuser de recursos mais avançados no equipamento, pode, ainda, captar imagens e assistir, em tempo real, o que acontece no estúdio. Desde o final do ano passado, essa tem sido a rotina de quem escuta, em Sorocaba, a programação levada ao ar pela Rede Amigos da Cultura.

Por ora, a primeira experiência do gênero realizada na cidade (encontrada no site www.redeamigosdacultura.com) ganhou, no mês de março, nova configuração. A grade foi alterada e o casting reforçado.

Agora são dezoito os programas transmitidos durante o dia. O roteiro inclui atrações para os mais variados gostos. “Produzimos, aqui, uma revista eletrônica”, afirma o diretor

da emissora, Mário Bastos. Embora dispondo da mesma estrutura, a rádio web se distingue daquela transmitida por ondas sobre a frequência natural, por ser transmitida pela maior interatividade que proporciona. Todos os apresentadores são contatados, ao vivo, por meio do MSN, um recurso bastante utilizado que permite a conversação on-line.

Com a ferramenta é possível, também, medir a audiência. Em média, cada programa é acessado por 30 mil internautas. “Já aconteceu desse número passar dos 60 mil”, conta Mário Bastos.

É bem verdade que o total de pessoas lincadas não é mantido o tempo todo. “Existe uma redução natural, mas, no cômputo geral, isso não chega a ser tão significativo”, explica o publicitário Eduardo Pitaluga, que comanda o programa “Comunicaramba”.

Outra característica da transmissão digital fica por conta do aprofundamento da leitura da realidade cultural da cidade. Duas das atrações que fazem parte



Dezoito programas fazem parte da nova programação da rádio e a equipe fala de sexo a colonismo social

da grade, “Celebration”, dirigida aos adeptos da música techno e eletrônica, e “Ciclo Som”, que tem como público-alvo os que curtem a chamada black music, acabaram por revelar que Sorocaba, apesar do porte e da expansão em vários segmentos, não dispõe de espaços para atender as tribos desses gêneros.

“É difícil encontrar na cidade lugares onde se possa ouvir esse som. Faltam opções”, comenta o DJ Elmo. Outro DJ, Pita, reforça o argumento: “Quem quer aproveitar as baladas e escutar soul, funk, rap, por exemplo, precisa, como eu, ir até São Paulo e lá encontrar opções para se divertir”, afirmou.

Programação

A programação da Rede

Amigos da Cultura pode ser acessada a qualquer horário. Confira, aqui, o roteiro das atrações: Fritando a Bola, programa apresentado por André Fasano, trata de esportes e entretenimento e é transmitido segundas, quartas, e sextas-feiras, às 12h30; Sexo Verbal, atração com a proposta de discutir e esclarecer dúvidas sobre o assunto, é transmitida quartas-feiras, a partir das 23h; Mistura Musical, programa onde, inclusive, ouve-se música, este reserva espaço para falar a respeito do tema e é levado ao ar quartas-feiras, às 19h; Fritura, é a marca da irreverência dentro da programação da rádio, e transmitido segundas, quartas e sextas às 14h; Trilha Sonora, o apresentador Alê Ansa está à frente do programa dedicado às

trilhas de filmes, com apresentação quartas e sextas, às 10h; Cultura Rock, levada ao ar toda segunda-feira às 19h, a atração apresentada pelo jornalista Eliton Tomasi, que levou para o rádio o conhecimento do som pesado e as novidades das bandas desse gênero; Comunicaramba, o publicitário Eduardo Pitaluga fala das novidades do mercado da propaganda e das tendências do marketing, no programa apresentado terças-feiras, às 13h; Papo Reto, espaço reservado às entrevistas com personalidades de todos os setores, com transmissão quartas-feiras, às 16h30; Me Chama que Eu Vou, espaço dedicado ao colonismo social. Luciana Capellini fala das festas e do agito da cidade. Toda sexta-feira, às 18h.



Renata Fronzi morre aos 82 anos, no Rio

A atriz Renata Fronzi, de 82 anos, morreu às 12h30 de ontem em decorrência de complicações de diabetes. Ela estava internada desde o dia 10 de março no Centro de Tratamento Intensivo do Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra da Tijuca (zona oeste do Rio). Renata ficou conhecida como personagem Helena, do seriado Família Trapo, da TV Record, onde atuou com João Soares, Ronald Golias, Otello Zelsoni, Cidinha Campos e Renato Corte Real. O programa foi ao ar de 1967 e 1971.

Nascida em Rosário, na Argentina, ela chegou ao Brasil com os pais ainda pequena e foi morar em Santos, no litoral paulista. Renata começou a carreira como bailarina no Teatro Municipal de São Paulo e atuou como vedete do Teatro de Revista. Ela estreou profissionalmente na companhia de teatro da atriz Eva Todor, na peça “Sol de Primavera”, em 1940.

Além de participar de vários humorísticos, Renata também atuou em inúmeras novelas. Alguns de seus trabalhos foram nas tramas de “Minha Doce Namorada” (1971), “Pecado Rasgado” (1978), “Chega Mais” (1980), “Jogo da Vida” (1981), “Corpo a Corpo” (1984), “A Idade da Loba” (1995), “A História de Ana Raio e Zé Trovão” (1990), além de participações especiais nas séries Malhação (de 1996 a 1997) e na minissérie Memorial de Maria Moura (1994).